

Linguagem e a crise dos saberes: micronarrativas na pós-modernidade

*Juliana Monteiro Vieira**

*Cristiano Ferronato***

Resumo

Buscou-se refletir acerca das problematizações linguísticas que emergem na pós-modernidade. As metanarrativas, construções do conhecimento considerado científico, parecem perder espaço para uma nova *práxis* do sujeito: verbos mais democráticos, narrativas menores, microperspectivas. Fundamentou-se teoricamente a partir do estudo da linguística, compreendendo a linguagem como um instrumento de vinculação e legitimação de práticas e demandas sociais. Devido a crise nos valores modernos instaurada na contemporaneidade, novos modelos linguísticos se delineiam, cada vez mais vinculados aos modos de existência dos sujeitos, pressupondo paralelos mais igualitários entre os saberes, pois sinalizam a disponibilidade de incorporar outras lógicas.

Palavras-chave: Linguagem; Novas Narrativas; Pós-Modernidade;

* Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (2017). Graduada em Psicologia pela Universidade Tiradentes. E-mail: juhsantosvieira@gmail.com

** Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2012). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes. E-mail: cristianoferronato@gmail.com

Language and the crisis of knowledge: micronarrations in post-modernity

El lenguaje y la crisis del conocimiento: micronarraciones en pos-modernidad

Abstract

We sought to reflect on the linguistic problematizations that emerge in post-modernity. Metanarratives, constructions of scientific knowledge, seem to lose space for a new praxis of the subject: democratic verbs, smaller narratives, micro-perspectives. It was theoretically based on the study of linguistics, understanding language as an instrument of linking and legitimizing practices and social demands. Because of the crisis in modern values established in contemporary times, new linguistic models are delineated, more linked to the modes of existence of the subjects, presupposing more egalitarian parallels between knowledge, because they signal the availability to incorporate other logics.

Keywords: Language; New Narratives; Post-Modernity;

Resumen

Se buscó reflexionar sobre las problemáticas lingüísticas que emergen en la pos-modernidad. Las metanarrativas, construcciones del conocimiento considerado científico, parecen perder espacio para una nueva praxis del sujeto: verbos más democráticos, narrativas menores, microperspectivas. Se fundó teóricamente a partir del estudio de la lingüística, comprendiendo el lenguaje como un instrumento de vinculación y legitimación de prácticas y demandas sociales. Debido a la crisis en los valores modernos instaurada en la contemporaneidad, nuevos modelos lingüísticos se delinean, cada vez más vinculados a los modos de existencia de los sujetos, presuponiendo paralelos más igualitarios entre los saberes, pues señalan la disponibilidad de incorporar otras lógicas.

Palabras-clave: Lenguaje; Nuevas Narraciones; Post-Modernidad;

1. Introdução

Propõe-se neste texto, refletir acerca das problematizações linguísticas que conservam ligações intrínsecas com as mudanças de paradigma da ciência e da sociedade, pois discorrem a respeito das diferentes formas de texto e língua na contemporaneidade. Pretendemos percorrer inicialmente o estruturalismo linguístico e seu surgimento, na intenção de situar o leitor nas discussões iniciais do assunto. Para compreender a linguagem em sua instância mutável, precisamos percorrer a formação do acervo social-prático do conhecimento, considerando a ideia da necessidade de objetificação do mundo para a posterior compreensão da realidade.

A linguagem serve então, de instrumento de propagação e legitimação de paradigmas e demandas sociais que, por sua vez, influenciam as definições de linguagem. Na Modernidade, a ciência passa a ser um dos maiores influenciadores destes paradigmas, onde ganham força as metanarrativas, que se configuram como “verdades científicas”, conhecimentos determinantes e historicamente construídos. Neste movimento de atualização de demandas, surgem na contemporaneidade, movimentos que pretendem ser microlinguísticos - visões anti-estruturalistas que não exigem a aprovação do domínio científico - e que acabam por construir-se simbolicamente. É o fortalecimento destas micronarrativas da diferença que pretendemos evidenciar, compreendendo a formação de uma nova *práxis* do sujeito enquanto construtor e intérprete de sua realidade.

A linguística constitui-se enquanto campo científico a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure (1970) e adquire conotação inata e universal com as pesquisas de Noam Chomsky (1998). Saussure como pioneiro da ciência linguística tem uma visão estruturalista que busca evidenciar a relação direta entre língua/fato social. Já Chomsky relaciona a linguagem a uma predisposição genética, algo inato no desenvolvimento humano. Tem-se, pois, na linguagem e nos diferentes meios de expressão humana, os papéis de representação e manifestação dos corpos grupais, dinamizados em modelos inscritos já na filosofia clássica, que atuam como instrumentos narcísi-

cos do coletivo. Desse modo, as diferentes manifestações e utilizações da linguagem perpassam também na contemporaneidade, uma prática comunicativa que se constrói a partir das mudanças histórico-sociais.

Parte-se então, de uma perspectiva epistemológica da linguística para pensar as mudanças paradigmáticas que se configuram no tempo e exercem, muitas vezes, intenções “não-visíveis”. A partir de Berger e Luckmann (1985) é possível pensar os movimentos de construção entre o linguístico e o social, os modos de ação sob o mundo e a sociedade. Passando por diversas fases ao longo dos séculos, a comunicação humana cruza o campo do coletivo sempre em paralelo ao plano individual, tornando as práticas linguísticas lugares de materialização dos discursos, configurando-os como base material das ações. A Modernidade constrói-se e legitima-se enquanto localização temporal e histórica que nos impõe certas elucidações. Que tempo é esse em que vivemos? Quais os principais jogos linguísticos a que estamos submetidos? Qual o sistema emergente, qual o sistema decadente?

As revoluções paradigmáticas que compõe os cenários científicos e proporcionam aos pesquisadores à flexibilização dos sistemas teóricos endurecidos enfrentam consequentes resistências de uma já operante tradição de pensamento. Evocamos Jacques Derrida (1967) para pensar, portanto, a desconstruções ocorridas nos alicerces fonológicos da linguística, no confronto com as noções de transcendência e do sujeito essencializado. Derrida atenta-se para a atualização das demandas sociais que parecem influenciar diretamente as definições de linguagem, relacionando os “jogos de linguagem” com a noção de *devoir*. Partindo, principalmente, da crítica à perspectiva logocêntrica, metafísica e da consequente visualização do desenvolvimento de novos significados tecnológicos, presentes nas funções das imagens e na desconstrução dos materiais de linguagem usuais.

O referencial teórico de Jean-François Lyotard (1986) também demonstra-se fundamental nesta discussão, pensando os novos modelos linguísticos que se configuram na contemporaneidade, em substituição as grandes narrativas versadas pelo discurso científico moderno e as

ordens estáticas, pela provisoriedade da experiência, da prática, dos dissensos. Buscou-se compor teoricamente um mapa de travessias e cruzamentos de perspectivas e investigações que delineiem a noção da linguagem como instrumentos de propagação e legitimação de condutas e paradigmas sociais. Para isso, é necessário entendê-la como um compartilhamento de intencionalidades que representam a realidade como variável e em movimento, presente em mutação na constituição do sujeito subjetivo e social. Essas capacidades de comunicação transcorrem a utilização de sistemas complexos de entendimento da realidade que se constituem como códigos tecnológicos, gestuais, culturais, comportamentais, etc. A linguagem liga-se ao povo, a cultura, aos modos de existência, tem velocidade intensa, muda rapidamente, se adapta.

A partir dos questionamentos e das reflexões junto aos autores citados, pretendeu-se traçar alguns panoramas linguísticos da contemporaneidade, representados por ações e determinações, mudanças nos papéis sociais e revolução de condutas, desmistificando o saber científico em substituição a um modelo de subordinação e reconhecendo as múltiplas formas de alteridade que o estado de crise contemporânea permite pensar, na valorização agora dos microsabereres e microdizeres que se reproduzem das práticas.

2. O caráter múltiplo da linguagem: novas narrativas

[...] a linguagem é um produto humano. Toda linguagem é resultado de uma longa história da inventividade, da imaginação e até do capricho do homem (BERGER E LUCKMANN, 2003, p.25).

O entendimento acerca da linguagem parte de pressupostos direcionados à aquisição e utilização de sistemas de comunicação, a partir de um nível de complexidade atingido pelo ser humano, o que inclusive proporcionou em sua evolução, um aumento do seu volume cerebral. Diversos são os estudos e teorias da linguística que pragmaticamente se constituem em diálogo com os mais variados campos existenciais: linguagem antropológica, geolinguística, psicolinguística, neurolinguística, socio-

linguística, computacional, histórica, cognitiva, entre outras.

A noção da linguagem como algo biológico, inerente e próprio do humano é uma teoria cada vez mais fortalecida no senso comum. A relação direta entre a linguagem e o pensamento perpassa pelos sentidos (capacidade motora, percepção visual e auditiva) e auxilia na construção dos significados e das interpretações da realidade.

A ideia da linguagem interpretada e entendida apenas enquanto “língua” parece extremamente reducionista. A língua, ao contrário da linguagem, configura-se como um campo adquirido, como uma realidade variável e provisória, sofre muitas redefinições. As leituras simbólicas que fundamentam as noções de certo e errado inseridas nessa língua, tem origem na sociedade e em suas codificações (VIOTTI, 2008).

No estudo da linguística - ciência que entende o fenômeno da língua como natural - existem polaridades. Ideias opostas que se configuram em um plano de relação e de entendimento. O filósofo suíço Ferdinand de Saussure, considerado “pai da linguística” com estudos no século XX, a partir da obra “Curso de linguística geral” (1916), pensa a linguagem como algo heterogêneo e multifacetado e a língua como um produto social e convencional da faculdade da linguagem.

Enquanto um sistema de valores e elementos opostos, a linguagem está além do domínio individual, pois corresponde a configuração de sistemas simbólicos, conceitos associados a uma determinada forma. Toda e qualquer expressão simbólica é considerada por ele, produto ou produção desta capacidade cognitiva. Compreende a formatação dos signos convencionados por membros da sociedade como um sistema que perpassa conceito e representação mental – significado e significante. Os estudos linguísticos podem estar intimamente ligados à sua trajetória histórica, a sua origem e seus aspectos evolutivos, à exemplo dos estudos diacrônicos, ou apenas se interessarem pela língua em um determinado estado, estática, à exemplo dos estudos sincrônicos (SAUSSURE, 1970).

A língua, não menos que a fala é um objeto de natureza concreta [...] os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações. As associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que tem sua sede no cérebro. Além disso, os signos da língua são, por assim dizer, tangíveis; a escrita pode fixá-los em imagens convencionais [...] na língua, ao contrário, não existe senão a imagem acústica e esta pode traduzir em uma imagem visual constante (SAUSSURE, 1970, p. 23).

Para o autor, língua e fala precisavam ser consideradas coisas distintas. A língua, tida como essencial, é construída a partir do diálogo, é literalmente um “fato social”. A fala é tida como algo secundário, que se desenvolve somente a partir da legitimação da língua, como ato individual. Saussure é pioneiro no estudo da linguagem e proporciona à linguística, um estatuto de cientificidade. Seus estudos são aplicados até a atualidade, pois versam acerca da identificação língua/fato social. A partir de sua diretriz teórica, foi possível dar espaço as novas formulações e propostas de entendimento e problematização da comunicação humana.

Já na década de 1950, o linguista e filósofo americano Noam Chomsky realizou um estudo sistemático das línguas naturais e da evolução humana, entendendo a linguagem como um objeto mental, sendo os princípios linguísticos aspectos inatos, predisposições genéticas à aquisição da linguagem. Chomsky considera relevante o aspecto criativo da linguagem opondo-se a uma visão empirista arraigada nas linhas do pensar a linguagem, observando-a como uma ciência estática.

É razoável considerar a faculdade da linguagem como um “órgão da linguagem”, no sentido em que os cientistas falam de um sistema visual ou de um sistema fisiológico ou circulatório, como órgãos do corpo. Compreendido deste modo, um órgão não é algo que possa ser removido do corpo, deixando o resto intacto. É um subsistema de uma estrutura mais complexa (CHOMSKY, 1998, p. 19).

Em contraste com a ideia estruturalista da lógica formal de Saussure, Chomsky acredita na criação de uma “Gra-

mática Gerativa e Universal” como parte de uma dotação genética do homem. Para os gerativistas, o sujeito precisa dominar um conjunto finito de regras e cadeias de elementos específicos e assim poderá ser capaz de produzir certo número de sentenças de acordo com a possibilidade expressiva de cada língua. Interessado especialmente nas semelhanças linguísticas das diversas culturas, Chomsky entende-as como configuradas em um sistema de desempenho e competência: o que efetivamente se realiza ao falar/escrever/ler e conjunto de normas internas, signos enunciativos presentes nas entrelinhas da expressão. Sendo assim, pensa a linguagem como possibilidade para o pensamento, como um instrumento de intervenção e de dialética entre nós e o mundo (CHOMSKY, 1998).

Duas visões distintas da linguística aqui são evocadas neste momento: uma percebe-a como um conjunto de signos, como integrante de uma relação direta língua/fato social e outra a enxerga como um conjunto de sentenças, predisposição genética; uma enquanto formação coletiva de significados, outra enquanto função biológica universal. A definição de fundamentos lógicos da maneira de expressão linguística parece precisar ser flexibilizada, ou ao menos posta em dúvida, tendo em vista os mais diversos questionamentos que poderiam ser suscitados. É possível considerar a linguagem como único sistema ou como um conjunto de sistemas que se insere em muitas tradições?

Pensando sobre a contemporaneidade, poderíamos também refletir sobre como a linguagem transfigura-se no encontro com as novas práticas discursivas/textuais destes tempos, estando inserida subjetivamente em um novo espectro prático-tecnológico, de uso da língua enquanto forma de expressão e posicionamento do sujeito no mundo.

2.1 A interação dinâmica do conhecimento: o acervo social-prático

Na obra “A construção social da realidade” (1985), Berger e Luckmann propõem realizar uma “[...] análise sociológica da realidade cotidiana ou do conhecimento que dirige

a conduta na vida diária” (p.35), onde a linguagem realiza papel de coordenação e determinação da vida em sociedade dotando-a de significações: o lugar que vivo, os instrumentos que utilizo, as relações que cultivo, os desejos que realizo ou que não realizo. O mundo se origina, portanto, no pensamento e na ação dos homens comuns, em uma atitude natural de vigília e apreensão da vida diária que adquire sentido e contorno de realidade.

É apenas através do processo de objetificação das intenções subjetivas inerentes ao humano, que experimenta-se o “decifrar da vida cotidiana”. Essas objetificações localizam-se no aqui-corpo e no agora-tempo, expressando os diferentes graus de distância e aproximação espacial e temporal e tornando os acontecimentos objetivamente acessíveis. A objetificação da linguagem insere a interação no nível das ideias, superando as tendências abstratas de articulação do pensamento.

Pode dizer-se, por conseguinte, que a linguagem faz “mais real” minha subjetividade não somente para meu interlocutor, mas também para mim mesmo [...] Sendo um sistema de sinais, a linguagem tem a qualidade da objetividade. Encontro a linguagem como uma facticidade externa a mim, exercendo efeitos coercitivos sobre mim. A linguagem força-me a entrar em seus padrões (BERGER & LUCKMANN, 2003, p. 58-59).

A partir da organização linguística, o mundo é formado sociohistoricamente, sob as coordenadas que dotam os objetos de significação, pautadas em paradigmas racionalistas constituintes dessa própria sociedade que estão presentes desde a infância, no processo primário e secundário de **socialização**. Baseados na linguagem, o pensar e o perceber se realizam enquanto ação, originando por consequência, uma realidade própria de quem realiza. Esse modo de transcendência praticado pela linguagem liga-se a sua capacidade de “guardar” as significações e estabelecer a presença de objetos que não, necessariamente, precisam estar inseridos no espaço-tempo do aqui-agora.

O campo intersubjetivo, mundo que se partilha com os demais, diferencia a vida diária de outras realidades pa-

raais de que se têm consciência, como nos sonhos, por exemplo. A vida cotidiana e, portanto, a realidade social, só podem existir enquanto interação com outras dinâmicas, o homem enquanto experimentação de si próprio como entidade não idêntica ao corpo, enquanto “*produção de si mesmo e de sua própria natureza*” (BERGER & LUCKMANN, 2003, p. 72).

Com capacidade de transcendência e integração a linguagem estabelece pontes através de sistemas de símbolos e sinais gestuais, corporais, artefatos materiais, condutas esperadas etc. As representações simbólicas muitas vezes elevam-se a própria experiência, a partir de grandes edifícios historicamente construídos: a ciência, a religião, a arte, a filosofia. Esses sistemas reúnem temas significativos que abrangem esferas da realidade e influenciam diretamente no comportamento individual e social (BERGER & LUCKMANN, 2003, p. 115).

A institucionalização de certas objetivações responde a um processo de tradição simbólica que se relaciona a um entendimento linguístico/cultural/coletivo. O reconhecimento parte de uma parcela social considerada detentora de um saber especializado que busca legitimidade para a conservação de enunciados historicamente construídos. Essa legitimação simbólica do fenômeno social é composta por momentos essenciais: a exteriorização, a objetivação e a interiorização. Como um processo dialético em curso, a legitimação perpassa pelo nível pré-teórico, as proposições rudimentares, ao desenvolvimento de teorias explícitas e por fim, a consagração da tradição teórica.

O acervo social prático do conhecimento, portanto, refere-se ao manejo e a localização do indivíduo em sociedade, ao conhecimento que utiliza em sua experiência cotidiana, em sua *práxis* diária. Os entendimentos linguísticos confrontam-se então, cotidianamente, com os diferentes campos semânticos e tecnológicos no qual o sujeito está inserindo, indistintos corpos específicos de conhecimento que inferem diretamente sob estruturas e identidades sociais.

2.2 Modernidade: racionalismo e a crise dos paradigmas

A Modernidade constituiu-se pelo emprego do estilo, costumes de vida ou organização social que emergem na Europa a partir do século XVII e tornam-se influência mundial. A modernização, industrialização e a ciência substituem antigos conceitos e noções de economia, governabilidade, espaço-tempo e meios de subsistência das sociedades anteriores ao período Moderno. Sua conceituação e estudo como período de transição histórica é alvo de diferentes e controversas reflexões, marcadas principalmente pela mudança de diversos paradigmas.

O período moderno instituiu diversas transformações no pensamento Ocidental reverberando em suas principais narrativas até a contemporaneidade. O século XVIII é marcado pela crescente ascensão da burguesia europeia e a hegemonia da filosofia e do movimento Iluminista. Através do racionalismo como fonte de conhecimento ideal para o desenvolvimento objetiva-se neste período, a libertação das prisões dogmáticas religiosas e dos resquícios mitológicos que ainda se faziam presentes no imaginário popular, tendo na ciência, definitivamente, a última fonte de autoridade.

A ciência moderna estruturou-se a partir do entendimento de uma verdade racionalista que precisava ser revelada, de um conhecimento primário que apenas através da lógica racional poderia ser construído. As meta-narrativas são os modelos explicativos universais, lineares e estáveis, visões totalitárias do mundo construídas a partir de uma filosofia da história, que permitiria conhecer a realidade para uma conseqüente transformação; uma narrativa além da narrativa. A filosofia então, transforma-se em um meta-discurso legitimador das intenções racionalistas. Os projetos ético-políticos enunciam manifestações do “bom e do justo”, sobressaindo o jogo de linguagem¹ científico-tecnológico em detrimento das demais narrativas sociais.

A ideia da linearidade histórica domina o pensamento Ocidental e suas formas de linguagem desde os filósofos gregos, evocando a escrita enquanto algo histórico

e etnocêntrico. O filósofo Jacques Derrida em sua obra “Gramatologia” (1967), faz uma crítica desconstrutivista, relacionada ao logocentrismo - ou a soberania da razão - evocando sua desconstrução. Entende que o modelo instituído pela filosofia clássica, desde tempos remotos, priorizou a fala em detrimento da escrita, ilustrando uma clara primazia da fonética; “A problematização aponta que a tradição ocidental concebe a fala como natural e plena na verdade a si, enquanto a escrita, como mera convenção” (SILVA; FERREIRA, 2014, p. 216). Essa obra foi considerada um trabalho filosófico contestador do estruturalismo francês. Como objetivo principal o autor pretendeu evidenciar a subordinação da representação gráfica à representação fonética e a separação da escrita e da arte enquanto funções representativas, evidenciando o modelo universal da linguística enquanto alicerçada em bases estritamente fonológicas.

A voz viria em primeiro lugar: nele se põe, em um ponto que, por razões que não posso explicar aqui, parece juridicamente decisivo, a questão do privilégio da voz e da escrita fonética em suas relações com toda a história do Ocidente, tal qual ela se deixa representar na história da metafísica, e em sua forma mais moderna, mais crítica, mais atenta [...] O que é o “querer-dizer”, quais são suas relações históricas com aquilo que se pensa identificar sob o nome de “voz” e como valor da presença do sentido à consciência, presença a si na palavra dita “viva” e na consciência de si? (DERRIDA, 2001, p. 11).

A contestação e possível crise da linearidade da escrita evidencia também uma possível crise de percepção, que é temporal. Mais profundamente, evidencia uma crise dos paradigmas metafísicos e positivistas que constituem e elaboram as meta-narrativas, as verdades incontestadas, o objetivo essencialista da técnica. Enquanto crítico anti-estruturalista, Derrida também busca desconstruir a ideia de Saussure centrada no modelo signo-significado-significante, relacionando-os ao entendimento logocêntrico e fonocêntrico que priorizam a unidade sonora e sua hierarquia, influenciando profundamente as ideias ocidentais de como se configura a linguagem. Não há, para Derrida (2001b), uma unicidade ou uma totalidade linguística, e sim, uma constante apropriação do que

é do outro, algo sem origem e sem destino fixo. A impossibilidade de um significado pleno põe em cheque o principal instrumento de articulação do conhecimento moderno, a noção de verdade.

Para Derrida (2001a), a utilização de meios que articulam a linguagem humana com a linguagem das máquinas proporciona uma constante atualização de demandas, um movimento coletivo de escrita e formalização de sentidos. Seu sentido para os “jogos de linguagem” se relaciona muito mais ao devir, à imprevisibilidade, entendendo o sujeito enquanto construção discursiva, histórica e sempre provisória. A “zona de contato linguístico” proporcionada pela ação das tecnologias, muito intensa na contemporaneidade, desperta a possibilidade da criação de novas potências, em termos de estruturas sociais. Existe aí, portanto, um aspecto político importante (MELLI, 2016). De fundamental importância também neste contexto é o conceito de diferença, que contém nele de forma intrínseca outros conceitos, ilustrado por Derrida e trabalhado posteriormente por vários outros autores.

A diferença é um ponto não fixo que pode estar em qualquer lugar da escala imposta pelas oposições binárias hierarquizadas. A diferença é, na verdade, um arquiconceito, pois nele estão contidos outros conceitos que compõem a noção de desconstrução como o descentramento (o centro podendo estar em qualquer lugar, sem precedência sobre a periferia, que deixaria assim de existir), o fármaco (a idéia da variação infinita da dose, que pode matar ou curar), a escritura (como o outro, o complemento da fala e não o seu oposto), o suplemento (enquanto possibilidade da escrita de proliferação de significados não previstos pelo autor, isto é, a valorização da ausência), o jogo (como possibilidade incontrolável e imprevisível da linguagem de criar significados, enquanto sistema aberto), de rastro (como arquiorigem, ou origem da origem, capaz de abalar a idéia de precedência do original sobre a cópia, do texto original sobre a tradução,etc) (LIMA, 2009, p. 1).

As imagens, fotográfica ou cinematográfica, também constituem fontes de alteração nas relações linguísticas

humanas. A fonética ou a palavra encontram-se subordinadas ao visual, ao que é visto. A imagem produz espelhos e espectros diversos e possibilita a problematização do verdadeiro/falso, do real/fictício. As “techno-imagens” produzem, portanto, novas possibilidades de significados linguísticos através da desconstrução dos materiais de linguagem usuais.

2.3 As micronarrativas como potências linguísticas

O filósofo francês Jean-François Lyotard na obra “O Pós-Moderno” (1979) evoca importantes problematizações para pensar o saber, a legitimação de suas práticas e a crise que atinge os panoramas linguísticos. O autor realiza neste estudo, uma pesquisa sobre as modificações das naturezas científicas provocadas pelo impacto das transformações do saber. Dessa forma, para ele, o estatuto do saber muda conforme as transformações que ocorrem na sociedade. Existiu uma mudança paralela as sociedades pós-industriais acerca do “estatuto do saber”, um conhecimento que se impõe hegemonicamente em detrimento de outras lógicas enunciativas. O saber é então, convertido em mercadoria de troca, adquirindo valor enquanto tal, produzido para a venda.

A mercantilização generalizada do saber proporcionou uma subordinação do mesmo ao sujeito prático, com reflexos diretos nos poderes públicos, nas instituições e na sociedade civil. A ciência legítima, portanto, suas próprias regras do jogo, com objetivo de otimizar as performances e a eficácia do sistema. A multiplicação das máquinas informais de saber afetara diretamente a circulação do conhecimento, a produção sonora e visual. O saber tornou-se “um poderio produtivo na competição mundial pelo poder” (LYOTARD, 1986, p. 05)

Toda produção humana parece derivar de uma interpretação que considera o tempo e renega as noções de fato e fundamento. Essas interpretações humanas são sempre finitas e inacabadas. Nessa perspectiva, a construção dos discursos de saber científico produzira-se a partir da intenção moderna de controle social, e da servidão aos valores do sistema capitalista vigente, configurando-se enquanto norma. Os diferentes níveis de linguagem li-

gados a esses objetivos fizeram-se presentes como legitimadores; a legitimação só poderá advir da prática da linguagem e da interação comunicacional que se efetiva, local e contextual. É necessário, portanto, atenção as complexidades do discurso, tendo em vista o mesmo estar em um nível de existência (AZEREDO, 2011).

A “crise” do saber científico, cujos sinais se multiplicam desde o fim do século XIX, não provém de uma proliferação fortuita das ciências, que seria ela mesma o efeito do progresso das técnicas e da expansão do capitalismo. Ela procede da erosão interna do princípio de legitimação do saber. Esta erosão opera no jogo especulativo, e é ela que, ao afrouxar a trama enciclopédica na qual cada ciência devia encontrar seu lugar, deixa-as se emanciparem (LYOTARD, 1986, p. 71).

Nesse sentido, a “pós-modernidade” surge enquanto posição de incredulidade, condição plasmada na desilusão e na desconfiança perante os discursos totalizantes, a recusa dos instrumentos representativos políticos tradicionais, das meta-narrativas, dos grandes relatos que perderam sua credibilidade. Essas narrativas, sejam de emancipação ou de especulação, sofrem um processo de deslegitimação, no qual o saber não mais se reduz à ciência.

O período pós-moderno se caracteriza então, pelo foco no indivíduo e em sua história de vida, rejeitando os parâmetros totalitários que vinham sendo impostos pela noção de saber/conhecimento/verdade, guiados pela metafísica. O período é basicamente conhecido pelo o que rejeita, por autores críticos aos fundamentos de base da ciência. A concepção de totalidade, a noção de causalidade, a binaridade razão x transcendental, os determinantes históricos, a criação de conceitos voltados à operatividade, são alguns dos questionamentos trazidos pelos estudos da pós-modernidade.

O pós-moderno seria aquilo que no moderno alega impresentificável, na própria presentificação; aquilo que se recusa à consolidação de boas formas, ao consenso de um gosto que permitiria sentir em comum a nostalgia do im-

possível; aquilo que se identifica com presentificações novas, não para desfrutá-las, mas para fazer sentir o que há de impresentificável. O pós-moderno devia ser entendido segundo o paradoxo do futuro (pós) anterior (modo) (LYOTARD, 1986, p. 26).

Diante da vivência deste período contemporâneo, Lyotard entende que não existe uma metalinguagem única e universal, pois tudo encontra-se fragmentado, no mundo e no saber humano. Considerando-os incomensuráveis, apesar de obedecerem a jogos e regras de contextos específicos. O ceticismo pós-moderno acarretou um ceticismo também da narrativa, da diferença. Uma erosão interna dos princípios de legitimação do saber poderia provocar um processo de mudanças importantes: o entrecruzamento das ciências e a formação de novos campos, processos de saber mais horizontais, o desaparecimento de disciplinas, a produção de mais professores e menos cientistas, entre outros.

Na pós-modernidade o componente comunicacional adquire uma nova importância, os jogos de linguagem dissolvem os sujeitos e tornam-se um vínculo social. Porém ninguém domina os muitos jogos de linguagem e nem há uma língua universal. Os processos de legitimação na pós-modernidade agora se dão através da paralogia², da imprevisibilidade e da diferença, sendo evidentes as influências das tecnologias e máquinas informacionais.

Da fragmentação contemporânea surgem as micronarrativas, que constituem-se como formulações ínfimas e independentes, pequenos relatos e dissensos que chegam a conclusões valorizando os microsaberes e as diferenças culturais, pois sozinhas já permitem-se formar uma realidade. Não necessitam da aprovação científica para serem validadas, pois se constroem de forma simbólica e buscam explicar de forma ampla e genérica as práticas sociais. Inverte-se a lógica de subordinação as regras do saber e cria-se uma própria lógica, um próprio jogo de linguagem. A pluralidade dos jogos linguísticos é, portanto, evidenciada, a partir de uma lógica de não-uniformização e do reconhecimento do potencial de fragmentação e até mesmo de incomensurabilidade da linguagem.

Considerações finais

Os caminhos de diálogo entre a linguagem e os modos de legitimação das práticas sociais, propostos neste texto, são universais como discorre Chomsky (1998).

A conduta da vida prática diária irá, portanto, decidir quais conhecimentos se fazem importantes na construção social da realidade e quais não farão parte do acervo referencial. As objetivações são importantes instrumentos cognitivos que promovem a decifração da realidade, podendo chegar a um nível de legitimação institucionalizada. A capacidade de transcendência da linguagem faz as partilhas dos campos intersubjetivos adquirirem um aspecto prático importante para a construção de novos e múltiplos jogos de linguagem.

Localizando-se nas intensas mudanças paradigmáticas vividas nos últimos dois séculos delineou-se uma crise dos valores modernos e a conseqüente desmistificação do saber científico. Questionamentos em torno disso formaram a base do pensamento pós-moderno, que busca desconstruir as meta-narrativas, essa linguagem burocrática que é cercada por edifícios intelectuais. A ciência é vista na pós-modernidade como um “subproduto do conhecimento” e não mais como a fonte principal de saber. No estado de crise dos saberes que vivemos na contemporaneidade, novas configurações linguísticas precisam de espaço e recorrem a lógicas mais materialistas, que partem de experiências cotidianas e se legitimam através da diferença e da imprevisibilidade (LYOTARD, 1986).

É próprio do pensamento contemporâneo, portanto, o estabelecimento de um paralelo mais igualitário entre os saberes científicos, os saberes tecnológicos e os saberes linguísticos. Estes parecem estar direcionados a um confronto com as binaridades e com os planos metafísicos de transcendência, incorporando novas lógicas e significados. O sujeito é então, construção discursiva, histórica e provisória, pensado enquanto produtor de sua realidade social, refletido enquanto singularidade espaço-temporal.

Notas

1 Conceito de Ludwig Wittgenstein (1889-1951) com enfoque nos efeitos dos discursos. Os jogos configuram-se como formas de vida determinadas, contextualizadas dentro de uma *práxis* comunicativa interpessoal, com regras próprias de utilização.

2 Pequeno relato, imprevisibilidade, dissentimento, contrário ao consenso.

Referências

AZEREDO, V. D. **Lyotard e Nietzsche: a condição pós-moderna**. Disponível em: <<http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br/home/item/186-lyotard-e-nietzsche-a-condi%C3%A7%C3%A3o-p%C3%B3s-moderna>>

Acesso em: 04/07/2016

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento**. 23ª Edição. Editora Vozes: Petrópolis, 2003, 248 p.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Editora UNB: Brasília, 1998, 83 p.

Entrevista com Jacques Derrida. Programa **Milênio**. Canal Globo News. Exibido em 27 de setembro de 2005.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971, 438 p.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. 2ª Edição. Editora Perspectiva: São Paulo, 2013, 400 p.

DERRIDA, J. **O Monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001b.

DERRIDA, J. **Posições**. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2001a.

LIMA, L. **Desconstruindo a lingüística estruturalista: o castelo de Saussure sitiado pelo pensamento de Derrida**. Anais do I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras. III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura. VII Encontro Local do PROLER UESC - ILHÉUS – BA, Out. 2009.

LYOTARD, J. **O pós-moderno**. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1986, 123 p.

MARINHO, C. **Lyotard e a pós-modernidade**. Revista Labor. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Vol. 1. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume1/CRISTIANE_MARINHO.pdf> Acesso em: 03/07/2016

MEILI, A. **Linguagem, tecnologia e identidade nas plataformas digitais de comunicação: uma leitura derridiana**. Revista

de Comunicação da Universidade Católica de Brasília. COMUNICOLOGIA - v.9 - n.1 - jan./jun. ISSN 1518-8728. 2016.

MOTA, S. B. A Gramatologia, uma ruptura nos estudos sobre a escrita. **Revista DELTA** vol. 13, nº 2, São Paulo, Aug., 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501997000200006

Acesso em: 20/03/2016

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. Orgs. Charles Bally e Albert Sechehaye. Editora Cultrix: São Paulo, 1970, 278 p.

ROCHA, S. D. **Uma “pós-história”?** Reflexões acerca da concepção de história no movimento pós-moderno. Revista TOMO – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, Nº 10 jan./jun. 2007.

SILVA, N.; FERREIRA, É. Reflexões sobre língua e identidade possíveis diálogos entre Jacques Derrida e Stuart Hall. **Revista Escrita**. Rio de Janeiro, Ano 2014. Número 19. ISSN 1679-6888.

VIOTTI, E. **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. Florianópolis, 2008 – USP. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXT0_BASE_-_VERSAO_REVISADA.pdf>

Acesso em: 26/06/2016

Recebido em 23 de maio de 2017.

Aceito em 22 de junho de 2017.

